

# CADERNO MEMÓRIA DO ABC

Publicação Mensal do Grupo Memória do ABC da Faculdade de São  
Bernardo do Campo - SP - N.º 1 - Julho 2006.

ISSN: 1980-3036



**Ano I - Número 1 - Julho / 2006**

**CADERNO MEMÓRIA DO ABC**  
**Uma Publicação do Grupo Memória do ABC da Faculdade**  
**de São Bernardo do Campo**

***Conselho Editorial:***

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sonia Melchiori Galvão Gatto

Prof. Dr. Jairo Nogueira Luna

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Helba Carvalho

Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Gessamy Aparecida de Almeida

Editor Geral: Jairo N. Luna

Revisão Geral: Epsilon Volantis Editora

Projeto Gráfico e Impressão: Epsilon Volantis Editora

***Assinatura:***

Número avulso: R\$ 5,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00 (mais despesas postais)

Assinatura Anual: R\$ 60,00 (mais despesas postais)

FICHA CATALOGRÁFICA  
Caderno Memória do ABC  
São Bernardo do Campo - SP  
Ano I (1), julho de 2006  
Tiragem: 500 exemplares  
ISSN: 1980-3036

***Endereço para correspondência:***

***Rua Américo Brasiliense, 449 - centro - São Bernardo do Campo***

***Cep: 09715-020***

---

Envio de artigos e matérias para publicação devem ser em disquete ou arquivo anexado via e-mail digitado em editor de textos compatível com Word, fonte times new roman, espaço duplo, com referências bibliográficas e notas de rodapé segundo padrão ABNT Com breve currículo do autor (5 linhas).

## **Editorial**

O Caderno Memória do ABC surge como meio de divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Memória do ABC do Curso de Letras da Faculdade São Bernardo do Campo.

Este grupo de estudos tem por objetivo a pesquisa e o entendimento da produção artística e cultural da chamada região do ABC Paulista, com destaque para a produção literária (prosa e poesia). Poetas e escritores da região têm assim uma possibilidade de apresentar seus trabalhos para que sejam analisados e discutidos no âmbito acadêmico e teórico de um curso de letras.

Assim temos feito, por exemplo, em relação ao acervo do poeta de Santo André, Cláudio Feldman, que tem neste primeiro número do Caderno presença com uma breve amostra de sua poesia.

Jayro Luna, professor doutor de letras, publica um artigo acerca da poesia visual de Zhô Bertolini.

Completa esse primeiro número uma breve apresentação das características históricas das três principais cidades da chamada região do ABC: Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. No próximo número essa apresentação histórica se completará com informações acerca dos municípios de Diadema, Mauá e Ribeirão Pires.

Os Editores.

## **Sumário**

Editorial	3
História da Faculdade São Bernardo	5
Breve História de São Bernardo do Campo	7
Saiba Como Nasceu Santo André	9
História de São Caetano do Sul	12
Leitura de Dois Poemas de Zhô Bertolini - Jayro Luna	15
Poemas de Cláudio Feldman	18

## **A História da Faculdade São Bernardo**

### **HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO:**

A Faculdade de São Bernardo do Campo (FASB), originalmente, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bernardo do Campo, localiza-se na Grande São Paulo, no município de São Bernardo do Campo, tendo a Fundação Educacional João Ramalho como entidade mantenedora. **São seus fundadores os professores Luciano Delle Sedie e Ilda Federighi Delle Sedie.**

A antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bernardo do Campo, atualmente Faculdade de São Bernardo do Campo, foi autorizada pelo Decreto Federal nº 68.327, de 9/3/1971, com as licenciaturas plenas de Química, Letras (Português-Literaturas, Português-Inglês e Português-Francês) e Pedagogia (Magistério das Matérias Pedagógicas, Administração Escolar, Supervisão Escolar Inspeção Escolar e Orientação Educacional) e licenciatura curta em Estudos Sociais. O reconhecimento destes cursos deu-se através do Decreto Federal no. 74.111 – Diário Oficial da União (D.O.U.) de 28/05/1974. Em 1977 houve a necessidade da adequação do Curso de Química para Ciências-Química visando atender ao mercado de trabalho e a Legislação vigente na época, desta forma passou-se a um novo reconhecimento conforme Decreto Federal 79.219 – D.O.U. 09/02/1977.

Em 1988 ocorreu a planificação do Curso Estudos Sociais com habilitação em História e Geografia, reconhecido pela Portaria no. 354 D.O.U. de 16/06/1988.

Em 2001, foi autorizado pela Portaria MEC no. 342/2001 o curso de Letras com habilitação em Português-Espanhol e respectivas literaturas, reconhecido pela Portaria no. 345 – D.O.U. 03/02/2005.

Visando implementar novos Cursos a então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bernardo do Campo alterou seu regimento geral, através da Portaria MEC no. 3.111 – D.O.U. 11/11/2002, passando a ser denominada Faculdade de São Bernardo do Campo - FASB e tendo como unidade acadêmica específica desta, o Instituto Superior de Educação.

Ao longo do primeiro semestre de 2002, os órgãos dirigentes da FASB e de sua mantenedora realizaram estudos para planejar a expansão de seus cursos de graduação e para consolidar os existentes. Desse trabalho resultou a decisão de criar os cursos de: Administração Bacharelado (habilitações em Gestão Ambiental, Marketing e Tecnologia da Informação) autorizado pela Portaria 3.403 – D.O.U. 18/11/ 2003, Engenharia (habilitação em Engenharia Química – Bacharelado) autorizado pela Portaria no. 3.404 – D.O.U. 18/11/2003 e Normal Superior (habilitações licenciatura para os anos iniciais do Ensino Fundamental e licenciatura para a Educação Infantil) autorizado pela Portaria no. 3.405 - D.O.U. 18/11/2003. Com 34 anos de existência profícua, acumulando extraordinária experiência no campo do ensino, a Fundação Educacional João Ramalho e a Faculdade de São Bernardo do Campo, entendem que podem contribuir para o aprimoramento da Educação Superior, estabelecendo estreita relação da responsabilidade social com a qualidade do

ensino, numa estrutura intelectual e sistematizadora do conhecimento de cada geração.

É o propósito desta Instituição estabelecer o compromisso com o Ministério da Educação e Conselho Nacional de Educação – e neste PDI pretende-se demonstrar as condições para concretizar as metas estabelecidas em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases 9.394 de 20/12/1996.

A Faculdade de São Bernardo do Campo tem a missão de promover a educação superior, divulgar os conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e transmitir o saber através do ensino e outras formas de comunicação. Soma-se ainda a missão de promover a extensão aberta à participação da comunidade na qual está inserida, visando a difusão dos conhecimentos, independentemente de convicções filosóficas, religiosas, políticas, sociais, culturais e raciais. Tem por missão ainda, formar profissionais competentes e éticos para a educação básica e para as demais áreas de sua formação.

## BREVE HISTÓRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO



O município de São Bernardo do Campo nasceu na Borda do Campo, mesma região onde existiu a histórica `Villa´ de Santo André da Borda do Campo ( 1550 – 1560 ).

Sendo a região local de passagem para aqueles que do Planalto se dirigiam ao Porto de Santos, em especial as “tropas” carregando mercadorias e que aqui faziam pouso, começa a se desenvolver na fazenda dos Monges Beneditinos, ao redor de uma capela por eles construída em 1717, um povoado, as margens dos Ribeirão dos Meninos, região do atual Bairro Rudge Ramos (no local onde hoje está instalado o Carrefour Vergueiro).

Pelos primitivos e novos caminhos, pelas velhas fazendas, registram-se a presença do português desbravador, do índio e do negro escravo. Tendo-se formado e crescido em terras particulares dos Beneditinos, o povoado não pode ser oficializado, sendo por isso transferido para outro trecho do velho Caminho do Mar, onde está hoje a Igreja Matriz ( Largo da Matriz, na rua Marechal Deodoro); esta transferência do povoado ocorreu em princípios do século XIX. Ali, em 1812, de subúrbio da Capital o povoado foi elevado à categoria de Freguesia.

Em 1877 é instalado, nas terras desapropriadas da fazenda dos Beneditinos, o Núcleo Colonial de São Bernardo, que vai dar nova vida a `Villa´. Constituiu-se 15 linhas coloniais que posteriormente originaram os atuais bairros de São Bernardo do Campo.

A presença do imigrante, majoritariamente italiano, e predominante nesse fim de século XIX e início do século XX, contribuindo para ampliar a miscigenação. O cultivo da terra e intensificado. Planta-se, colhe-se, fabrica-se, produz-se... Os campos

vão sendo devastados, as matas derrubadas, as estradas alargadas, ruas corrigidas e calçadas, as vilas edificadas e casas construídas. Ao final do século, por lei provincial de 12 de março de 1889, a Freguesia foi elevada a Município, cuja instalação ocorreu em maio de 1890. O Município compreendia, então, praticamente todo o território do atual ABC.

O nome – São Bernardo – deve-se a denominação da fazenda dos Monges Beneditinos, onde havia uma capela dedicada ao Santo, ao redor da qual surgiu o primitivo povoado de 1717. Com a exploração da madeira, as serrarias aparecem, registrando a tendência industrial da “Villa”. Desenvolve-se a indústria moveleira ao lado da têxtil.

Na década de 20, com a construção da Represa Billings, alguns núcleos coloniais de imigrantes italianos formados no século XIX, são atingidos por suas águas.

Os caminhos se proliferam, não só como passagem, mas como expansão do processo de urbanização. Os bairros vão se formando e desdobrando em pequenas vilas e novos bairros.

O espaço do povoado se transforma na paisagem da Cidade. Apesar do desenvolvimento da sede do Município ( atual São Bernardo do Campo ), o Bairro da Estação ( Santo André ), em razão da Estação de Ferro inaugurada em 1867, conhece um crescimento acelerado, com a implantação de várias indústrias. Assim, Santo André começa a se destacar econômica e politicamente, tornando-se, em 1938, a sede do Município.

O nome do município é mudado para Santo André e São Bernardo torna-se distrito.

Após muitas movimentações, em 1944 ocorre a emancipação político – administrativa de São Bernardo.

O designativo ‘do Campo’, aplicado a São Bernardo, surge da instalação do atual município, em 1º de janeiro de 1945.

O Aniversário de São Bernardo do Campo é comemorado em 20 de AGOSTO, por ser o dia do santo padroeiro São Bernardo.

**Fonte: PM SÃO BERNARDO DO CAMPO**



## **SAIBA COMO NASCEU SANTO ANDRÉ**

A história do Santo André está estreitamente ligada à colonização da Capital Paulista. Após a descoberta do Brasil, numerosas foram as expedições aqui enviadas, vindas de Portugal e Espanha, entre elas a que trouxe João Ramalho Estabelecido no planalto, entre 1500 e 1510, João Ramalho casou-se com uma filha do Cacique Tibiriçá, chefe dos Guaianases: Bartira. Honrado e respeitado por portugueses e gentios, vivendo entre numerosa escravaria, em pouco tempo se tornou grande potentado. Quando Martim Afonso de Souza iniciou a colonização de São Vicente, em 1532, já encontrou João Ramalho que foi ao litoral para recebê-lo, acompanhado dos primeiros mamelucos. Fundada São Vicente, Martim Afonso de Souza transpôs a Serra para oficializar o povoado do Santo André da Borda do Campo, que por sua posição geográfica teria papel predominante no desenvolvimento do território paulista. Nomeou então João Ramalho Capitão Mor dos Campos de Piratininga. Decorridos cerca do vinte anos, Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, visitou São Vicente, acompanhado do padre Manoel do Nóbrega, primeiro provincial da Companhia do Jesus no Brasil. Palmilha serra acima o caminho antes percorrido por Martim Afonso do Souza e encontra na orla do Campo do Piratininga a povoação fundada sob a invocação de Santo André. Para suportar Os constantes ataques dos selvagens das margens do Paraíba, João Ramalho já havia construído, à sua custa muros defensivos. Levantara Paço Municipal, bem como a primeira ermida dedicada a Santo André, em 1550. A esse primeiro núcleo de civilização, Tomé de Souza outorgou o predicamento de vila, instalando-se a primeira Câmara Municipal a 8 de abril de 1553. A esta época, precária era a situação do Colégio Vicentino. Nóbrega resolveu fundar outro colégio, no Campo de Piratininga e a 29 de agosto de 1553, escolheu o local da instalação do colégio no planalto: o chamado pátio do colégio, onde se reuniram os primeiros cinquenta catecúmenos para serem doutrinados. Padre Manoel de Paiva celebrou a missa inaugural a 25 de janeiro de 1554. Em começos de fevereiro chegou o Padre Anchieta, a quem Nóbrega confiou a incumbência de ser seu secretário. O fundador do Colégio de Piratininga, depois de decorridos quatro anos, verificou que, apesar de uma assistência permanente, não conseguia fazê-lo sobreviver pois os índios eram "andejos, inquietos e instáveis".

Verificou-se então a necessidade de trazer os portugueses de Santo André para junto do estabelecimento. Por outro lado os ataques dos tamoios aos habitantes de Santo André também vinham sendo mais constante, o que também aconselhava essa mudança. Para que a colonização portuguesa e a catequese não fossem destruídas, urgia mudar o Município de Santo André para junto do Colégio. Padre Nóbrega conversou então com João Ramalho à respeito sobre esta perspectiva. Padre Nóbrega foi a Bahia logo a seguir e de lá regressou, em 1560, com Mem de Sá, terceiro Governador Geral do Brasil. Em Santo André, a primeira autoridade do Brasil, o primeiro Provincial da Companhia de Jesus e a primeira autoridade civil do planalto resolveram a mudança da Câmara Municipal de Santo André da Borda do Campo e sua população para junto do Pátio do Colégio, onde foi levantado o Pelourinho Andreense. Durante muitos anos permaneceu Santo André em completo abandono. Mas os itinerantes que faziam a jornada através da estrada do mar, sob a orientação do paulista Antônio Pires Santiago, edificaram a 2 de dezembro de 1735, em território de Piratininga, uma pequena capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, onde faziam suas paradas e orações. Ao redor da capela começaram a se concentrar numerosos habitantes e já em dezembro de 1805 a capela era elevada a curato. Em 23 de dezembro de 1812 o Marquês de Alegrete elevou a localidade à categoria de freguesia, dando-lhe o nome de São Bernardo, nome da fazenda ali existente. O município de São Bernardo nasceu nas proximidades do próprio local da antiga Vila de Santo André da Borda do Campo, extinta em 1560. Com a passagem da São Paulo Railway (Estrada de ferro ligando Santos à Jundiaí, construída em meados do século XIX), a localidade tomou impulso, vindo a ser procurada por novos moradores. Em 1889 surgia o município, com sede em São Bernardo e os distritos de Santo André, São Caetano do Sul, Ribeirão Pires e Paranapiacaba. Destes distritos o que mais prosperou foi Santo André. Em 1938 a sede Municipal foi transferida para o distrito de Santo André em virtude de estarem aí instaladas as repartições públicas bem como as maiores indústrias do Município, além de grande densidade demográfica. O Município passou então a chamar-se Santo André, ficando São Bernardo reduzido à condição de distrito de Paz. Três foram os fatores que contribuíram para que Santo André enveredasse pelo caminho do progresso, atingindo altos índices econômicos: a vinda de imigrantes, a Estrada de

Ferro e a construção da represa Billings. A passagem do leito da velha São Paulo Railway despertou de largo sono a região desbravada por João Ramalho. Próximo às paradas dos trens foram construídas residências e instaladas algumas casas comerciais, dando origem a inúmeros núcleos populacionais. A parada denominada de São Bernardo desenvolvia-se como centro da região, conhecida como Bairro da Estação, mais tarde, distrito de Santo André. No ano de 1889 o município contava com área de 850 quilômetros quadrados e uma população de 10.124 habitantes, que se dedicavam à agricultura, exploração de carvão e lenha além das poucas olarias da localidade e pequenas oficinas de consertos de carros e carroças de transporte das mercadorias aí produzidas. A contribuição da estrada de ferro, que ligava a capital ao porto de Santos, no período áureo do ciclo cafeeiro, adicionado outro fator importante, a construção da represa Billings, que produzindo energia elétrica permite a instalação de indústrias na região, foram, portanto, cruciais para o desenvolvimento de Santo André. Com a energia elétrica vieram as indústrias. Em 1897 foi fundada a Cia. Streiff, grande fábrica de cadeiras e pequenos móveis. Em 1898 a firma Bergman, Kowarick e Cia. fundam e constroem a fábrica de casimiras ao lado da Estação de Santo André, e assim outras grandes empresas foram se instalando. Em 1907 a Casa Publicadora Brasileira, em 1908, Fiação e tecelagem Santo André, em 1920, Rhodia, Industrias Químicas e Têxteis, em 1923 Pirelli S.A. , em 1924, Atlantis do Brasil, em 1936, Laminação Nacional de Metais, em 1938, Swift-Armour S.A. em 1939, Firestone, em 1940, Companhia Brasileira de Cartuchos, isto para citar os grandes nomes... Até o final da década de 1960 esse crescimento não arrefeceu. A população local era insuficiente para a necessidade de mão de obra de tantas empresas, vieram então as grandes migrações, de Minas Gerais e do nordeste e já na década de 1950 a população beira a 100.000 habitantes. Atualmente Santo André conta com cerca de 1.000.000 de habitantes.

Fonte: <http://santoandrehistoria.br.tripod.com/santoandreemfatos/id8.html>

## **História de São Caetano do Sul**

A região em que hoje se situa o município de **São Caetano do Sul** é ocupada desde o século 16, quando era conhecida como Tijucuçu. Foi área de fazendas de moradores do antigo povoado, depois vila (1553), de Santo André da Borda do Campo, extinta por ordem do governador geral. Sua população e seu predicamento de vila (município) foram transferidos para o povoado jesuítico de São Paulo de Piratininga (1560).

A partir do começo do século 17, fazendeiros e sitiantes da hoje região do ABC começaram a migrar para o Vale do Paraíba, onde surgiriam as vilas de Taubaté e de Santana das Cruzes de Moji (Moji das Cruzes). Dois desses fazendeiros e criadores de gado doaram suas terras para o Mosteiro de São Bento da vila de São Paulo, um onde viria a ser São Bernardo e outro onde viria a ser São Caetano. Nesta última região, o doador foi o capitão Duarte Machado, em 1631, que participara da bandeira de Nicolau Barreto aos sertões dos índios Temiminó para captura de escravos. Foi ele também membro da Câmara da Vila de Piratininga. Quarenta anos depois, em 1671, Fernão Dias Pais arrematou em leilão o sítio do falecido capitão Manuel Temudo, também no Tijucuçu, e o doou ao mesmo Mosteiro de São Bento. Formou-se, assim, a Fazenda do Tijucuçu, empregada pelos monges beneditinos na criação de gado.

Em 1717, os monges ergueram no lugar onde está hoje a Matriz Velha de São Caetano uma capela dedicada a São Caetano di Thiène, o santo patrono do pão e do trabalho. Passou a fazenda a chamar-se Fazenda de São Caetano do Tijucuçu, depois apenas Fazenda de São Caetano. Alguns anos depois, os monges fundaram ali uma fábrica de telhas, tijolos, lajotas, louças e adornos cerâmicos para ornamento de casas e igrejas. Esse material era diariamente transportado, pelo rio Tamanduaté, de um porto que havia na Fazenda para o Porto Geral de São Bento, onde é hoje a rua 25 de Março, ao pé da Ladeira Porto Geral. Até o século 18, o trabalho da fazenda era realizado por escravos indígenas e a partir dessa época também por escravos negros de origem africana. A fábrica funcionou até a década de setenta do século 19.

Ao redor da Fazenda desenvolveu-se o Bairro de São Caetano, pertencente à já cidade de São Paulo. Foi recenseado pela primeira vez em 1765, quando o Morgado de Mateus determinou que se fizesse o

censo da população da Capitania de São Paulo. Seus habitantes eram agricultores e tropeiros e recebiam os sacramentos na Capela de São Caetano.

Em 1871, no dia seguinte ao da Lei do Ventre Livre, a Ordem de São Bento decidiu, em seu Capítulo Geral da Bahia, libertar todos os seus escravos, em todo o Brasil, mais de quatro mil. Privada de mão de obra, a Fazenda de São Caetano foi desapropriada pelo Governo Imperial para nela instalar o Núcleo Colonial de São Caetano em **28 de julho de 1877**. As terras da Fazenda foram divididas e distribuídas a colonos italianos entre 1877 e 1892, quando entrou no Núcleo a última família de imigrantes. O primeiro grupo de famílias assentado no Núcleo embarcara no porto de Gênova e chegara ao Brasil no navio italiano Europa. Procedia todo ele de Cappella Maggiore, província de Treviso, na região do Vêneto, norte da Itália.

Em 1883, a São Paulo Railway inaugurou a estação de São Caetano e em 1889 o governo da província refez o antiquíssimo Caminho do Mar, que desde o século 16 atravessava a região, de modo a torná-lo tributário da ferrovia.

Originalmente, os colonos do Núcleo Colonial dedicaram à produção da batata inglesa, ou batatinha. Mas em seguida vários deles plantaram videiras e passaram a produzir vinho de mesa, o Vinho São Caetano, comercializado num estabelecimento de Emílio Rossi, colono em São Caetano, que havia no Largo do Tesouro, em São Paulo. As videiras de São Caetano foram destruídas pela filóxera, uma praga que destruiu parreirais no mundo todo. Emílio Rossi, que em 1887 e 1888 trocou idéias a respeito com o médico e cientista Luís Pereira Barreto, resolveu fazer enxertias com cepas da chamada uva americana, resistente à praga, que deram certo. Mas era tarde. Muitos colonos empobrecidos começaram a vender seus lotes de terreno e pela época da proclamação da República as primeiras indústrias começaram a instalar-se na região, em terras compradas aos colonos. O núcleo agrícola se transformava em bairro operário.

Nesse período, os colonos que haviam recebido terras nas várzeas úmidas do rio Tamandateí e do rio dos Meninos, remanescentes do antigo pântano do Tijucuçu montaram olarias e começaram a produzir tijolos. Um desses colonos, Giuseppe Ferrari foi um dos fornecedores de tijolos para construção do Museu do Ipiranga, a partir de 1895, de que se encarregara o italiano Luigi Pucci.

Pouco antes da proclamação da República foi criado o município de São Bernardo, desmembrado do de São Paulo, e o território de São Caetano foi nele incluído. Nesse mesmo ano, um censo do Núcleo Colonial contou 322 habitantes, cujas famílias estavam distribuídas em 92 lotes de terra<sup>1</sup>.

Em 1905, **São Caetano** era elevado a Distrito Fiscal. A fixação das primeiras indústrias coincidiu com a elevação de São Caetano a Distrito de Paz, em 1916. Em 1924, o arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, dava ao núcleo a sua primeira paróquia e seu primeiro vigário, o padre José Tondin. A vila transformava-se em cidade.

A primeira manifestação de autonomia para o Distrito de São Caetano aconteceu em 1928, com a liderança do engenheiro Armando de Arruda Pereira, diretor da Cerâmica São Caetano, residente na localidade. Para divulgar a idéia emancipacionista, foi fundado o São Caetano Jornal que convocava a população para votar nos seus candidatos a vereador e Juiz de paz nas eleições municipais de 1928. Entretanto, os resultados não foram os esperados. Na década de 40, o sonho da emancipação voltou a empolgar os caetanenses, com o segundo movimento emancipacionista.

Em 1947, em movimento liderado pelo Jornal de São Caetano, foi realizada uma lista com 5.197 assinaturas e enviada à Assembléia Legislativa do Estado, solicitando um plebiscito. A consulta popular foi realizada em 24 de outubro de 1948; 8.463 pessoas votaram a favor da autonomia, e 1.020 votaram contra. A 24 de dezembro de 1948, o governador do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros, ratificou a decisão e criou o **Município de São Caetano do Sul**, através da lei Estadual n. 233, de dezembro de 1948, acrescentando-lhe o apêndice do Sul, para distinguí-lo de homônimo pernambucano. Em 30 de dezembro de 1953, foi criada a Comarca de São Caetano do Sul, instalada no dia 3 de abril de 1955.

*Fonte: <http://pt.wikipedia.org/>*

---

<sup>1</sup> Até aqui, todas as referências históricas procedem das obras do professor José de Souza Martins, da Universidade de São Paulo.

## **Leitura de dois poemas de Zhô Bertolini**

*Jayro Luna*

Zhô Bertolini, poeta de Santo André-SP tem se destacado por uma produção de poesia de vanguarda experimental fundada na visualidade e na concretude da palavra. Na Revista Dimensão número 27, editada pelo Guido Bilharinho, encontramos um interessante poema visual de Zhô Bertolini. O poema é de 1997, mas como toda boa poesia, o tempo não lhe confere qualquer marca suficientemente forte para deixar de ser lida a cada novo dia. O poema se compõe de uma estrutura retangular com palavras que formam na leitura normal do texto o seguinte período: “Estamos / Índios / Pele / Da mesma / Pele / Da Mesma / Pele / da Mesma / Pele / Ardendo / Em Chamas / Desumanas”. A palavra “Pele” é escrita em vermelho a cada ocorrência (4 ao todo). Essa estrutura já provoca uma leitura de estranhamento e de reflexão, pois as duas primeiras palavras formam o sintagma: “Estamos Índios”. Espécie de paródia da frase dita pelo ministro da educação Eduardo Portela no governo Figueiredo, quando renunciou ao cargo disse: “Não sou ministro, eu estou ministro”. Nesse caso, o poeta como o ex-ministro, aplica o verbo estar no lugar de ser para indicar a transitoriedade da situação. Também, se configura o sintagma do poema de Zhô Bertolini um trocadilho com “Estamos indo”. O “estar” no lugar de “ser” também cria uma nova configuração para os sintagma seguinte: “pele / da mesma / pele”. Não se diz “somos pele da mesma pele”, mas “estamos pele da mesma pele”, essa alteração do sentido da expressão original “carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue”. Por fim, um terceiro sintagma se forma com a junção dos dois extremos do poema: “Estamos /.../ Ardendo em chamas desumanas”. A palavra “Pele” escrita em vermelho dá o tom do contraste e da ressignificação da expressão de caráter bíblico-religioso (“carne da mesma carne / sangue do mesmo sangue”). Pele indica a superfície, o exterior do corpo, o invólucro. Mas a cor vermelha se liga, no contexto, à idéia de sangue (interioridade, seiva vital, vida). Assim a “pele vermelha” aqui é a não pele enquanto exterioridade, mas sim a carne desnuda, sem máscaras, sem invólucros, o que estava oculto, escondido pelas aparências. Noutra acepção, mas contígua, por influência cultural norteamericana - via, principalmente os “faroestes”: cinema e literatura - “pele vermelha” designava o “índio”, sendo assim, ao fim, somos todos “índios”, esta é a nossa identidade cultural sulamericana, que de certa

forma, numa tomada de posição hipócrita, parcela da sociedade busca ocultar, tingindo-se de cores superficiais de europeísmo, quando não, de perigoso pseudo-arianismo facistóide.

A reunião dos diferentes sintagmas cria uma reflexão acerca de nosso estágio de civilização. O quanto somos diferentes do que pejorativamente entendemos pela palavra “índio”. Se no sentido pejorativo a utilizamos para designar a falta de civilização, de regras religiosas e morais - sentido que diga-se de passagem é errôneo e já o sabia o Padre Manoel da Nóbrega no século XVI quando escreve o seu Tratado da Conversão do Gentio - o poeta vê na nossa civilização a contradição, o paradoxo: a violência, a gratuidade da morte, a desumanidade imperando.

Noutro poema publicado também na Revista Dimensão, a de n.º 24 (1995), sem título também, vemos um conjunto aparentemente disforme de letras espalhadas sobre um fundo de duas texturas, uma branca, cor do papel e outra pontilhada em negro como a fotografia de jornais ou da tela da televisão. Essa dupla textura se faz também num conjunto de formas triangulares e retas, como raios ou flechas que se irradiam meio que aleatoriamente numa região central. As letras, numa observação mais acurada, são de tipos variados, ora vazados, ora negras, e de tamanhos diferentes. É possível separá-las em dois grupos, um mais a direita do poema e outro mais à esquerda. O da direita é composto por 4 “a”, 4 “t”, 1 “r”, 1 “e”, 1 “n”, 1 “é”. Podemos ler diretamente numa semidiagonal que parte debaixo a palavra “teta”, e rapidamente também ler “arte” ou “art” e ainda, com um esforço maior, perceber a palavra “antena”. No conjunto do lado esquerdo podemos ver as seguintes letras: 3 “e”, 2 “f”, 2 “i”, 2 “a”, 1 “d”, 1 “t”, 1 “v”. Os dois conjuntos são de quantidades iguais, doze letras cada um. Mas o grupo da direita tem 6 letras diferentes ( se desconsideramos a diferença acentual entre “e” e “é”, temos então 5 letras diferentes) e o da esquerda tendo 7 letras diferentes. Portanto equivalentes na quantidade total, mas diferentes nas especificidades.

No conjunto do lado esquerdo as letras parecem mais embaralhadas, talvez pela maior variedade de letras do conjunto, mas é possível rapidamente perceber as palavras: “vida”, “feia”, “vi-te” e “dia”.

Do conjunto anterior, a letra “É” colocada quase no limite entre os dois conjuntos ficava sobrando na formação de palavras que



propusemos. Agora ela passa a significar a união copulativa sintagmática dos dois conjuntos. Assim, “a arte é vida”, “a arte é até feia”, e por fim, juntando uma letra de um conjunto com o do outro, temos “TV”.

Se Mallarmé sacramentou que tudo existe para acabar em livro, Augusto de Campos parodiou dizendo que “tudo existe para acabar na TV”, Zhô Bertolini inverte o dogma, o cânone, de que a arte é bela, para propor que a arte é até feia e que o presente (“dia”) se coloca na “TV” duma forma violenta tal que tudo se fragmenta: “arte”, “vida”, “beleza”.

Poeta do presente tecnológico, mas duma tecnologia que fragmenta no lugar de unir, que violenta no lugar de pacificar, fruto de uma civilização que esconde sob sua aparência de progresso e desenvolvimento, a condição selvagem da exploração do homem pelo homem. A tecnologia é também a desumanização, mas bem poderia não ser, e a poesia de Zhô Bertolini sabe mostrar essa outra possibilidade, fazendo do fazer poético um ponto reflexivo, criativo da capacidade crítica da poesia visual brasileira.

**Poemas de Cláudio Feldman**  
**[Poeta de Santo André]**



**Epitáfio para um fabricante de armas**

Aqui jaz:  
Este nada fez  
pela paz.  
Agora faz.

## **Uma poesia**

1

Uma rosa vermelha entre colunas,  
Uma corda que se fecha na garganta,  
Uma nuvem que bate nas janelas,  
Uma harpa que, prisioneira, canta.

2

Uma criança deitada no trigal,  
Uma escada que desce para o escuro,  
Uma chaga que brilha como adaga,  
Uma bomba que nasce atrás do muro.

3

Uma lanterna esquecida na gaveta,  
Uma gazela que foge dos soldados,  
Uma viúva tocada pela chuva,  
Uma terra de espinhos coroados.

4

Uma floresta em chamas no retrato,  
Uma esperança que ficou na porta,  
Uma formiga que atravessa o cais,  
Uma rocha que avança contra a morta.

5

Uma raiz procurando a saída,  
Uma estátua roída pelos ventos,  
Uma imagem achada na viagem,  
Uma poesia vestida de momentos.

### **Poema do vento no cemitério**

Os ciprestes cantam  
Ao sopro do vento.  
Embalam quem?

### **Ilha**

Teu ser:  
Ilha verde e luminosa  
Flutuando entre o céu  
E o Mar  
Mas  
Com raízes fincadas  
Na treva abissal

Teu ser:  
O sonho  
De arrebentar  
As ilhadas amarras  
E partir  
Como um navio  
No domingo

### **Vida Natural**

Um galo aceso no telhado.  
Girassóis ao vento.  
Pessoas entram no mar de luvas.

**Haicai**

*Seca*

Corvos

Nos galhos curvos:

Únicas folhas.

*Dia Lento*

Dia lento:

Um velho cavalo

Subindo a encosta.

**Joana D’Arc**

incenso

que perfuma

depois de queimado

**Vida Natural**

Um galo aceso no telhado.

Girassóis ao vento.

Pessoas entram no mar de luvas.

**Mundo**

O mundo ri enraizado no trigo  
Águas medem os passos do sol  
A ave livre veste o ar de vozes  
O coração rima com nuvens  
Mas um menino soluça sobre a pedra  
E o mundo passa refletido nos punhais.

*nas avenidas*

nas avenidas  
do mundo  
há mulheres que me fitam  
como poços de minas

estou enfermo de amor  
por estas incendiárias  
mas continuo a guardar  
maças na gaveta

sobre as frias  
pedras da tarde  
nenhum batom sorri  
para a solidão de meus óculos

sonho com fêmeas  
sentadas  
em seus cabelos  
e acordo num horizonte de cego

num dia épico  
meu coração descorado  
ainda choverá  
sobre doces perfis

à espera  
vou animando relógios  
enquanto o tempo escorre  
por meu tato sem beijos